

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pela primeira vez na História das artes, a maior bilheteria de um ano cinematográfico, na marca do bilhão, não tem conexão alguma com os EUA. O título coube à China, de onde veio “Ne Zha 2 - O Renascer da Alma”, animação cercada de ancestralidade que faturou US\$ 2,1 bilhão. Não deu para Hollywood dessa vez, que só brilhou entre as cifras bilionárias, via Disney, com o noir animado “Zootopia 2” e com “Lilo & Stitch”. O cinemão está chegando lá com mais uma frente: “Avatar: Fogo e Cinzas”, o (tedioso) capítulo três da saga ecológica (e sem alma) de James Cameron. Se o dinheiro da Meca hollywoodiana não entrou como no passado, isso tem a ver, em parte, com o redesenho do mercado em prol do colorido global. Épicos da Índia e desenhos japoneses se impuseram como ímãs de plateia, ao mesmo tempo em que longas falados em línguas sem conexão alguma com povos anglo-saxônicos reinam nas grandes premiações do cinema. Confira a seguir os achados de 2025:

O FILME DO ANO:

UMA BATALHA APÓS A OUTRA (“One Battle After The Other”), de Paul Thomas Anderson (EUA): Perfidia Beverly Hills é “A” personagem do ano. Teyana Taylor só precisa de um punhado de minutos em cena para se fazer onipresente, como vetor de empuxo na vida de homens que a amaram (ou a desejaram) capaz de expor racismos institucionalizados pelo país que elegeu Donald Trump, sem vergonha da xenofobia que ele encampa em sua política de extrema direita. Ela deixou uma filha, hoje adolescente (Chase Infiniti), pela qual o especialista em explosivos Pat (Leonardo DiCaprio, com jeitão de Grande Lebowski) zela com todo amor. O problema de Pat é o militar Lockjaw, um oficial imparável em seu predatismo contra grupos revolucionários (vivido por um assombroso Sean Penn). Ele teve um trelelé com Perfidia lá atrás e não se desgarrou da lembrança dela. Numa corrida para proteger sua filha, traduzida em tomadas vertiginosas, o personagem borracho de DiCaprio reinventa o conceito do looser numa sociedade pautada pelo lucro, assegurando ao realizador de cults como “Magnólia” (Urso de Ouro de 2000) e “Sangue Negro” (2007) mais uma obra-prima.

Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:

NOSSO RANKING DE 2025:

PECADORES (“Sinners”), de Ryan Coogler (EUA): O melhor filme do primeiro semestre, imbatível, é um exemplar do filão terror antirracista, o mesmo que nos deu



Uma Batalha Após a Outra

A hora e a vez de grandes artesões autorais



Pecadores



Levados pelas Marés

Titãs como Paul Thomas Anderson, Ryan Coogler e Jafar Panahi reafirmam sua relevância num ano cheio de experimentos de terror, com novo ‘Superman’ e com fenômeno chinês

“Corra!” (2017), com vampiros e a Ku Klux Klan a atazar os juízos de dois empresários do ramo da Caninha da Roça que dão ao blues lugar de honra em seus negócios. Os negociantes em questão, irmãos gêmeos, têm o ator Michael B. Jordan, da franquia “Creed” (2015-2023), como intérpretes, numa atuação em (duplo) estado de graça. Quem dirige o astro nos papéis dos manos Moore, Elijah Smoke e Elias Stack, é o parceiro mais frequente dele,

Coogler, o realizador de “Pantera Negra” (2018). Sua trama, decolonial, põe sugadores de sangue num bar de beira de estrada, no Mississippi pós I Guerra, na qual múltiplas ancestralidades egressas da África se manifestam. Seu faturamento beirou US\$ 364 milhões.

LEVADOS PELAS MARÉS (“Feng Liu Yi Dai”, no original/ “Caught by the Tides”), de Jia Zhangke (China): O ganhador do

Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo no ano passado acompanha a jornada emocional de Qiaoqiao (papel da atriz Zhao Tao, atual companheira de Jia) em busca de um amor perdido, ao passo que, ao largo de sua cruzada sentimental, sua nação passa por mudanças vertiginosas. Ao longo de duas décadas — de 2000 ao início dos anos 2020 —, Qiaoqiao e Bin vivem um amor intenso e frágil na cidade chinesa de Datong, que sofre de dificuldades

financeiras. Repentinamente, Bin vai embora para tentar a sorte em um lugar maior. Algum tempo depois, Qiaoqiao parte em uma jornada para reencontrá-lo. Esse tráfego gera, na tela, um amálgama de ficção e registro documental de harmonia plena.

MEU BOLO FAVORITO (“Keyke Mahboobe Man”), de Maryam Moghadam e Behtash Sanaeha (Irã): Ganhador do Prê-